



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE PROCESSOS SELETIVOS  
EDITAL Nº 09/2022 – COPERPS, DE 02 DEZEMBRO DE 2022  
MOBILIDADE ACADÊMICA 2023 – MOBA 2023  
ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

RESPOSTA(S) AO(S) RECURSO(S) CONTRA O GABARITO PRELIMINAR DA PROVA OBJETIVA

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – LÍNGUA PORTUGUESA
QUESTÃO: 01
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** O comando da questão de número 1 solicita que o candidato interprete o texto e selecione a afirmativa verdadeira, acerca do conteúdo do texto. A resposta correta para a referida questão é a letra E, segundo a qual “Regina Augusto apresenta considerações acerca da obra *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?*, do filósofo norte-americano Michael J. Sandel, o qual, segundo a autora, faz uma radiografia importante dos labirintos das sociedades capitalistas contemporâneas”. Não estão corretas as letras A, B e C, pelo fato de atribuírem à Regina Augusto, autora do texto, ideias citadas por ela, mas de autoria do filósofo Michael J. Sandel.

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – LÍNGUA PORTUGUESA
QUESTÃO: 04
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** O comando da questão de número 4 solicita que o candidato reconheça o papel do verbo “pode” no fragmento “Embora seja inspirador, o princípio do mérito pode tomar um rumo tirânico (linhas 35 e 36) [...]”, uma vez que tal verbo confere ao enunciado um caráter de incerteza, com relação àquilo que se enuncia. Nesse sentido, a resposta correta para a referida questão é a letra A. As letras B e D estão incorretas, pois, respectivamente, o verbo “pode” não enfatiza que o evento enunciado é dado como certo e a expressão “pode tomar”, do mesmo modo, não enfatiza que o evento enunciado é dado como certo. Pelo contrário, como referido anteriormente, o verbo “pode” funciona como um modalizador, que faz com que o conteúdo enunciado seja incerto, ou seja, o evento enunciado não necessariamente se realizará.

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – HISTÓRIA
QUESTÃO: 11
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** Autores clássicos como Jacques Le Goff ou Georges Duby, ou mesmo outros com artigos mais contemporâneos no Google Acadêmico como Isidro Brissos Pais e seu artigo sobre os vínculos feudais da Idade Média analisam que o regime de suserania e de vassalagem foi muito diverso em toda a temporalidade e espacialidade europeia do medievo. Para autores clássicos como Marc Bloch e sua obra *A Sociedade Feudal* viver naquela sociedade era ser o “homem” de outro homem”. Isto envolvia intrincadas cadeias mediadas de forma piramidal e com interdependência. Neste sentido, a questão foi muito precisa e ela parte da ilustração de um calendário datado de 1410. Era a representação de uma colheita de uvas (certamente feita por servos) aos pés do castelo do Duque de Berry. Ao invés de solicitar o regime de trabalho servil em si, a questão indaga sobre esta relação piramidal e interdependente que relacionava servos e servas com seus vínculos à terra e todos (nobreza, servos e terra) dentro de regime de vassalagem. Na questão de letra “C” pouco importa se o pagamento dos tributos a relação social de feudalidade era uma oferenda feita por um intermediário suserano mais imediato do conde de Berry (como era costume



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE PROCESSOS SELETIVOS  
EDITAL Nº 09/2022 – COPERPS, DE 02 DEZEMBRO DE 2022  
MOBILIDADE ACADÊMICA 2023 – MOBA 2023  
ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

em várias associações e relações feudais). O que centralmente a imagem apresenta é que ser um servo ou uma serva era se atrelar à terra e a alguma relação de suserania ou vassalagem. É importante notar que nos conhecimentos sobre Idade Média os trabalhadores eram parte desta relação, estando eles na parte mais baixa desta cadeia. Desta forma, nada do que está explícito na resposta a torna incorreta e não havendo nenhuma outra alternativa além da de letra “C” correta na sua relação servil de atrelamento à terra, **os recursos são indeferidos. Este é o parecer da banca, salvo melhor juízo.**

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – HISTÓRIA
QUESTÃO: 13
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** A busca pela ancestralidade europeia no Egito é bastante antiga e tem vínculos explícitos com o imperialismo. Estudos recentes como os de Raquel Stoiani e Renata Senna Garraffoni intitulado “Escavar o passado, (re)construir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade clássica por Napoleão Bonaparte”, demonstram que desde ao menos o final do século XVIII (e sobretudo durante a corrida imperialista na África nos séculos XIX e XX), buscou-se no Egito construir raízes que desvinculassem este território do continente africano e o ligasse como parte da matriz europeia, no campo da arqueologia e arte. Há ainda estudos que relacionam a criação (ou a popularização) do termo Oriente Próximo (e a contrapartida crítica sobre o Orientalismo no Ocidente do século XX) com a máxima imperialista e conquistadora romana e religiosa judaica cristã no Egito, sobretudo depois da construção do canal de Suez (1869) e da crise local quase um século mais tarde em 1956 (Ver artigo de Efraim Davidi intitulado “La crisis del Canal de Suez en 1956: el fin de una época en el Medio Oriente y el comienzo de outra”). Este movimento feito por arqueólogos, historiadores, geógrafos, literatos e tradutores fortaleceu a ideia imperialista, eurocêntrica e orientalista presente em muitos livros didáticos de história no Brasil de que a história do Egito (sobretudo a da antiguidade) se relacionava menos com a do continente africano e mais com a Europeia. (Ver artigo de Jerrison Patu “O eurocentrismo sobre Egito antigo nos livros didáticos” publicado na *revista Mythos* em 2018). Por todos estes motivos a alternativa correta para a questão de número 13 é a de letra “C”, que avalia a “presença de um racismo estrutural nos textos e argumentos de muitos autores de livros didáticos, por meio do qual se valoriza a cultura egípcia antiga como ancestralidade da civilização europeia”. Já a alternativa de letra “E” (apontada pelo (a) candidato (a) como correta), contém um erro inicial de que haveria um “desconhecimento e a pouca valorização da cultura egípcia antiga”, o que está longe de ser verdadeiro. **Por todas estas alegações, os recursos são indeferidos. Este é o parecer da banca, salvo melhor juízo.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE PROCESSOS SELETIVOS  
EDITAL Nº 09/2022 – COPERPS, DE 02 DEZEMBRO DE 2022  
MOBILIDADE ACADÊMICA 2023 – MOBA 2023  
ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – HISTÓRIA
QUESTÃO: 14
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** O recurso parte de um princípio histórico e historiográfico correto, mas não adequado (ou bem interpretado) dentro da questão proposta. Ele parte do princípio de que, segundo o estudo histórico e historiográfico mais amplo de Lilia Schwartz intitulado *Brasil: Uma Biografia*, o objetivo da política catequética e civilizatória dos jesuítas era a conversão religiosa, visando o apagamento étnico dos povos nativos. A questão proposta não nega esta busca jesuítica mais ampla visando este apagamento étnico. No entanto, ela parte de um texto jesuítico preciso, o do padre João Felipe Bettendorff intitulado *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. A questão solicita qual seria a visão jesuítica (e, portanto, ideológica) de um tipo de enterramento dentro deste processo e nunca concorda com esta visão. Eram os padres jesuítas como Bettendorff (ou o padre Antonio Pereira que Bettendorff cita) que viam os indígenas (e em especial os Tapajó) como “ceras moles” a serem moldados. Eles não percebiam as religiões de matriz indígena (e, portanto, seus enterramentos) como religiões, mas como crenças ou superstições. O enunciado da questão deixa claro que esta era uma “explicação jesuítica”. Assim a questão pede aos candidatos (ou candidatas) uma interpretação jesuítica sobre a prática de enterramento dos “Tapajós”. Os jesuítas não viam aquela prática de enterramento como parte de uma religião, mas a entendiam como uma crença a ser remodelada, que demarcava a todos a força de um ato católico dentro de uma ideia ideológica de que estes indígenas não teriam fé, sendo, em sua imensa maioria “puros” ou “ingênuos”, portadores de ideias (superstições) a serem superadas pela fé e religião católica. Assim a única alternativa correta é a de letra “C”, a qual discute (em consonância com o enunciado) uma ideia vinda dos jesuítas, ou como consta no enunciado uma ideia descrita em crônica que descrevia “como os padres jesuítas regulavam as práticas católicas em suas missões”. **Por todas estas alegações, os recursos são indeferidos. Este é o parecer da banca, salvo melhor juízo.**

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – HISTÓRIA
QUESTÃO: 15
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** O enunciado da questão solicita uma leitura do Mapa intitulado “América”, o qual, desde cedo deve ser percebido sob o ponto de vista do olhar colonizador que o desenhou. Nele fica claro que este continente está disposto entre os oceanos (ali descritos como mares) do norte atlântico e do sul Pacífico. A alternativa de letra “B” está incorreta, porque enuncia a presença no mapa de “práticas alimentares indígenas”, mas elas estão longe de serem ali vistas como “ancestrais”. Esta alternativa enuncia a continuidade tanto de navegação a remo como de “práticas alimentares indígenas”, quando o que se percebe são práticas antropofágicas que foram muito combatidas no processo colonizador e de conquista europeia. Assim a única alternativa correta é a de letra “A”, que vincula a força do real comércio Atlântico com a presença de composições míticas como a de monstros marinhos. **Por todas estas alegações, os recursos são indeferidos. Este é o parecer da banca, salvo melhor juízo.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE PROCESSOS SELETIVOS  
EDITAL Nº 09/2022 – COPERPS, DE 02 DEZEMBRO DE 2022  
MOBILIDADE ACADÊMICA 2023 – MOBA 2023  
ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – HISTÓRIA
QUESTÃO: 16
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** A questão proposta solicita ao candidato (ou candidata) como a escrita da história da conjuração baiana foi feita dentro das articulações entre a memória e a história. Assim a alternativa de letra “E” está incorreta, pois já inicia julgando os estudos contemporâneos como “críticos” e aqueles que aceitariam “todas as versões históricas dos fatos”. Mesmo hoje não se pode ter uma versão total da história e nem a história produzida nos nossos dias é “crítica” sem uma relação de partes que engloba relações de força/poder/política (seria “crítica” em relação a quais versões? Crítica em relação a quem e em qual relação de poder?). Desta forma a única alternativa correta é a de letra “C” que explicita o alargamento das bases sociais do evento, a inversão dos polos em luta com a crescente valorização dos alfaiates, o que nasce de um processo que é político e histórico de “instrumentalização” do passado no presente. Este processo de instrumentalização não é anacrônico no sentido tradicional do termo. Só o seria para quem percebe o processo histórico como local de “fatos” incontestáveis e para quem percebe o mundo do político como um local sem sérias vinculações com as reformulações históricas e a construção de diferentes versões da história, sobretudo a das revoluções. Para um debate sobre o tema da instrumentalização do presente sobre o passado, ver o clássico livro de Marc Ferro intitulado *Falsificações da história*. **Por todas estas alegações, os recursos são indeferidos. Este é o parecer da banca, salvo melhor juízo.**

ÁREA/DISCIPLINA- ÁREA IV – GEOGRAFIA
QUESTÃO: 18
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** A alternativa correta é a C.

A redação citada pelo(a) candidato(a) “É Humboldt que lançou os pilares da geografia moderna, enquanto que Ritter se voltava apenas à especulação” está ausente das alternativas da questão 18. Difere do texto da alternativa A que, incorretamente, menciona Humboldt como fundador da geografia regional.

ÁREA/DISCIPLINA- ÁREA IV – GEOGRAFIA
QUESTÃO: 23
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** A alternativa correta é a D.

A cartografia social raramente é considerada nas políticas de ordenamento territorial, sobretudo quando se está em debate construção de hidrelétricas, hidrovias, ferrovias, duplicação de rodovias, dentre outras tantos elementos de infraestrutura. Caso fossem frequentemente consideradas “a vivência e os saberes das pessoas envolvidas,” não haveria tantas tensões, disputas e conflitos para demarcação de territórios quilombolas, comunidades ribeirinhas e o reconhecimento de territorialidades historicamente enraizadas, pois se teria “uma representação mais próxima da territorialidade do lugar”. E quando a cartografia social é considerada as tensões diminuem, como no caso em ajuda a fundamentar o projeto



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE PROCESSOS SELETIVOS  
EDITAL Nº 09/2022 – COPERPS, DE 02 DEZEMBRO DE 2022  
MOBILIDADE ACADÊMICA 2023 – MOBA 2023  
ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

que institui o Babaçu Livre, proibindo a derrubada de palmeiras de babaçu nos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins, Pará, Goiás e Mato Grosso, e cria regras para a exploração da espécie.

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – FILOSOFIA
QUESTÃO: 27
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** O candidato não entendeu a referência feita, por Habermas, à ideia de ciência na Grécia, e o que eles entendem por “epistême teórica”, distinta, em função do objeto, da “epistême prática”. Além disso, deve-se dizer, é claro que os gregos estavam voltados às questões sociais, apenas não chamavam esse estudo de Sociologia. Ele estava integrado ao domínio prático, que envolve Ética e Política. Não faz sentido, ainda, a referência do reclamante à separação de “filósofos de escravos”... E mais, os gregos não defendiam neutralidade ideológica, mas a diferença entre os domínios de investigação da natureza e da cultura humana.

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – FILOSOFIA
QUESTÃO: 29
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** Os dois candidatos que contestaram a questão 29 dirigiram sua reclamação ao fato de Platão não constar na bibliografia da temática voltada aos Problemas Práticos. No Edital, consta os nomes de Kant, Sartre e Aristóteles, isso é fato. Mas trata-se de autores que servem de **referência** para a elaboração das questões em razão da vinculação de seus nomes ao tema. Por exemplo, o debate sobre a diferença entre “Ética da Virtude” e “Ética da Felicidade”, é imediatamente vinculado a Kant e Aristóteles, mas não são temas filosóficos deles. Se os três autores acima são considerados “de referência”, o Edital não diz que são de uso obrigatório, porque, quem os entende, deve fazê-lo em função do tema: Ética da Felicidade e Virtude, neste caso. E é exatamente isso que temos na passagem extraída de Platão. O tema é que é invariável.

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – FILOSOFIA
QUESTÃO: 30
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** O item II da Questão 30, em que os reclamantes se baseiam, diz que a forma jurídica assumida pelo Estado “a partir da emergência do capitalismo” se explica graças as relações materiais. A passagem citada não se restringe à produção capitalista. No feudalismo, também, a chamada “superestrutura” tem por base as relações materiais, que não são capitalistas. Não é, apenas, o Estado moderno (capitalista) que assim se constitui. Marx aplica sua explicação para todas as formas de produção que buscam se legitimar juridicamente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE PROCESSOS SELETIVOS  
EDITAL Nº 09/2022 – COPERPS, DE 02 DEZEMBRO DE 2022  
MOBILIDADE ACADÊMICA 2023 – MOBA 2023  
ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – FILOSOFIA
QUESTÃO: 32
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** A “incoerência” apontada pelo reclamante é, na verdade, o desconhecimento da diferença entre um objeto de gosto (ou estético) e um objeto de desejo, ou objeto prático. A nossa satisfação em “contemplar” um objeto de arte é diferente de “produzir” um objeto por meio de nossa ação. Neste último caso, a satisfação, portanto, o prazer, advém do cumprimento de uma obrigação necessária. Mas ninguém pode ser “obrigado” a gostar de um objeto de arte. Quando cumpro meu dever, faço algo objetivo, quer dizer, necessário e útil à sociedade. Quando sinto prazer em, apenas, “contemplar” uma obra de arte, o sentimento de satisfação é subjetivo, não objetivo. Afinal, o que a mim parece belo pode desagradar o gosto de outro. O que é objetivamente bom, tem que ser bom para mim e qualquer um. Quanto à bibliografia, contestada, o argumento é o mesmo. Há uma sugestão de autores de referência ligados ao tema, e o tema aqui é a especificidade do prazer estético, que podemos encontrar, de modo comum, em Kant, Hegel, Schiller, Platão, etc.

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – SOCIOLOGIA
QUESTÃO: 34
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** Percebe-se que há controvérsias entre os candidatos com relação à resposta correta da questão 34. As divergências estão relacionadas a uma incompreensão do conceito de trabalho definido como resposta correta. Isso, talvez, esteja ligado a deturpações dos conceitos de Karl Marx quando aplicado à vida cotidiana. Fala-se em lucro, dinheiro, capital, trabalho, mais-valia, força de trabalho, sem, muitas vezes, se atentar para as definições dados a tais conceitos. Isso é comum, afinal, ninguém precisa conhecer a fundo as definições que circulam no mundo acadêmico. Mas quando estamos nos debates científicos, as definições conceituais são imperativas, pois delas dependem o sucesso das análises e compreensões do mundo social. Os candidatos apontaram como possíveis respostas à questão, basicamente, três alternativas: O primeiro foi *capital*. Para Karl Marx: (...) o capital não é uma coisa, mas: uma relação de produção definida, pertencente a uma formação histórica particular da sociedade, que se configura em uma coisa e lhe empresta um caráter social específico (...) São os meios de produção monopolizados por um certo setor da sociedade, que se confrontam com a força de trabalho viva enquanto produtos e condições de trabalho tornados independentes dessa mesma força de trabalho, que são personificados, em virtude dessa antítese, no capital. (O Capital, III, cap. XLVIII). Diante da citação, podemos afirmar que a resposta não pode ser capital. Este não é comum a todas as mercadorias: ele é uma condição histórica presente, mesmo assim não está em todas as mercadorias produzidas.

Outra resposta sugerida foi o *Dinheiro*. Mas este, simplificando, é apenas um facilitador da troca. Há aí uma confusão entre *dinheiro e capital*. Marx deixa claro que nem toda soma de dinheiro é capital. Há um processo definido que transforma o dinheiro em capital, que o pensador alemão aborda contrastando duas séries opostas de transações na esfera da circulação: a venda de mercadorias para comprar outras diferentes e a compra de mercadorias para subsequente venda. De maneira simples, podemos afirmar que o dinheiro só pode ser pensando como capital quando ele é usado para comprar outra mercadoria com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE PROCESSOS SELETIVOS  
EDITAL Nº 09/2022 – COPERPS, DE 02 DEZEMBRO DE 2022  
MOBILIDADE ACADÊMICA 2023 – MOBA 2023  
ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

objetivo de se obter mais dinheiro. Isso nos leva a terceira possibilidade aventada pelos candidatos, a resposta ser o *lucro*. O lucro não é comum a todas as mercadorias, uma vez que elas têm valor de uso e valor de troca. Sendo que só se obtém lucro nas transações em que se troca dinheiro por mercadorias e esta operação visa obter uma quantia superior à inicial (lucro). Este artifício é comum ao modo de produção capitalista. Por fim, a única característica que é comum a todas as mercadorias, em todos os sistemas históricos, é o *trabalho*. A mercadoria tem valor de usos e de troca em qualquer modo produção. Seja para o autoconsumo, troca entre mercadorias de igual valor, ou ainda, no sistema capitalista, ela tem como princípio absoluto o *trabalho humano*. E este é apropriado pelo capitalista na produção de sua riqueza. Diante dessas ponderações, a banca indefere a solicitação de anulação da questão 34.

ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA/DISCIPLINA: ÁREA IV – SOCIOLOGIA
QUESTÃO: 38
RESULTADO DA ANÁLISE: INDEFERIDO

**PARECER:** O nascimento das Ciências Sociais é amplo, não podendo estar relacionado apenas ao nome de Auguste Comte, pensador que cunhou o termo “sociologia”. Tal aspecto é tratado por Raymond Aron no livro etapas do Pensamento Sociológico, no qual enfatiza: “Se o sociólogo (cientista social) se define por uma intenção específica, conhecer cientificamente o mundo social como tal, Montesquieu é, a meu ver, um sociólogo, tanto quanto Auguste Comte”. No mesmo sentido, Robert Bierstedt, no texto “O Pensamento Sociológico no Século XVIII”, no livro História da Análise Sociológica, organizado por Tom Bottomore e Robert Nisbet, considera Charles Louis de Secondat, Baron de la Brède et de Montesquieu, como o maior sociólogo do século XVIII. Ambos os livros são apresentados como leituras obrigatórias nos cursos de “Introdução à Sociologia” no Brasil. Portanto, Montesquieu é um dos autores definidos como precursores das Ciências Sociais, bem como Auguste Comte, os quais são contemplados no item do programa: O nascimento das ciências sociais. Diante disso, a banca indefere a solicitação de nulidade da questão 38 por considerar que Montesquieu não faz parte do programa.